

O GUARDIÃO MIGUEL E A JUSTIÇA DIVINA



Irmandade dos Anônimos

1 - MIGUEL NA VISÃO DOS ENCARNADOS

A Wikipédia traz muitas informações sobre Miguel sob a ótica dos encarnados, mostrando uma visão muitas vezes distorcida e conflitante, típica das criaturas materializadas em http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_%28arcanjo%29:

Miguel (em hebraico: מִיכָאֵל (*Micha'el* ou *Míkhā'ēl*; em grego: Μιχαήλ, *Mikhaēl*; em latim: Michael ou *Míchaël*; em árabe: ميخائيل, *Mīkhā'īl*) é um arcanjo nas doutrinas religiosas judaicas, cristãs e islâmicas. Os católicos, anglicanos e luteranos se referem a ele como **São Miguel Arcanjo** ou simplesmente como **São Miguel**. Os ortodoxos se referem a ele como *Texiarca Arcanjo Miguel* ou simplesmente como **Arcanjo Miguel**.

Em hebraico, *Miguel* significa "aquele que é similar a Deus" (*mi*-"quem", *ka*-"como", *El*-"deus"), o que é tradicionalmente interpretado como uma pergunta retórica: "Quem como Deus?" (em latim: *Quis ut Deus?*), para a qual se espera uma resposta negativa, e que implica que "ninguém" é como Deus. Assim, Miguel é reinterpretado como um símbolo de humildade perante Deus .

Na Bíblia Hebraica, Miguel é mencionado três vezes no Livro de Daniel, uma como um "grande príncipe que defende as crianças do seu povo". A ideia de Miguel como um advogado de defesa dos judeus se tornou tão prevalente que, a despeito da proibição rabínica contra se apelar aos anjos como intermediários entre Deus e seu povo, Miguel acabou tomando um lugar importante na liturgia judaica.

Em Apocalipse 12:7-9, Miguel lidera os exércitos de Deus contra as forças de Satã e seus anjos e os derrota durante a guerra no céu.

Na Epístola de Judas, Miguel é citado especificamente como "arcanjo". Os santuários cristãos em honra a Miguel começaram a aparecer no século IV, quando ele era

percebido como um anjo de cura, e, com o tempo, como protetor e líder do exército de Deus contra as forças do mal. Já no século VI, a devoção a São Miguel já havia se espalhado tanto no oriente quanto no ocidente. Com o passar dos anos, as doutrinas sobre ele começaram a se diferenciar.

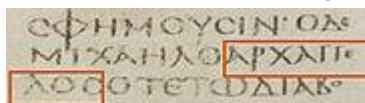
Índice

- 1 Etimologia
 - 1.1 Do termo “Arcanjo”
 - 1.2 Do termo “Miguel”
- 2 Referências nas Escrituras
 - 2.1 Bíblia Hebraica
 - 2.2 Novo Testamento
 - 2.3 Nos apócrifos
- 3 Cristianismo
 - 3.1 Cristianismo primitivo
 - 3.2 Catolicismo
 - 3.3 Protestantismo primitivo
 - 3.4 Testemunhas de Jeová
 - 3.5 Adventistas do Sétimo Dia
 - 3.6 Mórmons
- 4 O anjo Miguel nos manuscritos do Mar Morto
- 5 Festas, patronato e ordens
 - 5.1 Festas
 - 5.2 Patronatos e ordens

- 6 Imagens
- 7 Referências
- 8 Ver também
- 9 Ligações externas

Etimologia

Do termo “Arcanjo”



Arcanjo, num fragmento da Epístola de Judas (Tadeu) no Codex Sinaiticus (330-350 A.D.)

Arcanjo tem duas raízes, “arch” e “angelos”.

O prefixo grego “arch” (ἀρχ) deriva de “arché” (ἀρχή) que se refere tanto a “começo, ponto de partida, princípio”, como “suprema substância subjacente” ou “princípio supremo indemonstrável”.

A partir dessa raiz “arché” temos o antepositivo “arch”, em português, com o sentido de “aquilo que está na frente, o que está no começo, na origem, ponto de partida de um entroncamento”, sendo traduzido “acima”, “superior” ou “mais importante” e “o que governa, que dirige, que comanda, que lidera” e ainda carregando consigo ideias de poder, autoridade, império e superioridade.

Quanto ao grego “angelos” (ἄγγελος), vertido para “anjo”, significa simplesmente “mensageiro”.

A partir dessas raízes, portanto, a palavra “Arcanjo” (αρχάγγελος) se traduz “Líder dos Mensageiros”, “Chefe dos Mensageiros” "Capitão dos Anjos", "Primeiro Anjo", “Acima dos Anjos”, “Superior aos Anjos”, “Anjo Superior” ou “Anjo Chefe”, num aspecto qualitativo de

liderança e substancialmente de superioridade, da mesma maneira que se traduz palavras com o mesmo radical, tal como “arquiteto” (chefe dos construtores), “arcebispo” (classe hierárquica superior a Bispo), “hierarquia” (poder sagrado) ou “anarquia” (falta ou ausência de poder).

מִיְכַאֵל



Miguel em Hebraico

Do termo “Miguel”

A tradução literal para o nome Miguel é “Aquele/Quem como Deus”.

- **Mi** = Aquele/Quem(?)
- **Ka** = Como
- **El** = Deus

Como no hebraico não existia sinais de pontuação, algumas palavras trariam consigo um significado inquisitivo. Por isso a partícula “Mi” que significa “quem” muitas vezes é traduzida sintaticamente como interrogação, ocorrendo em 350 textos do Antigo Testamento onde é mencionada.

Exemplo:

“Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A **quem** enviarei, e **quem** irá por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim.” (Is. 6:8)

יִלְךְ-לְנוּ וְאָמַר הַנְּנִי שְׁלַחֲנִי וּמִי וְאֲשַׁמַּע אֶת-קוֹל אֲדֹנָי אָמַר אֶת-מִי אֶשְׁלַח
(Texto Original Hebraico)¹⁴

va'eshma et qol adonai omer et·**mi** esh'laj **umi** ielej·lanu
vaomar hineni shelajeni (odaretilsnarT lanigirO otXeT) ומִי¹⁵

Dessa forma, o Talmude sugere uma interpretação inquisitiva para o nome Miguel, tendo a tradução

contextual “Quem é como Deus?” ou “Quem é semelhante a Deus?”. Este entendimento hoje não é compartilhado somente pela comunidade judaica, pois mais tarde foi incorporado pela cristandade em geral “para não colocar em causa a própria Escritura”, tanto por católicos e evangélicos, como adventistas, e também por outras comunidades religiosas, como as testemunhas de Jeová e os islâmicos. Mas para as cosmovisões judaica, jeovista e muçulmana, o pressuposto de não haver nenhuma outra pessoa igual a Deus (Sl. 35:10; 89:8) é literal, implicando sugestivamente a resposta “Ninguém é Igual a Deus” num entendimento retórico.

Quanto ao sufixo “El”, é também relacionado de forma regular com nomes significando afirmativamente “Deus” em todos os casos, tal como em Daniel (Deus é Juiz), Emanuel (Deus é Conosco), Ezequiel (A Força é de Deus), Samuel (Chamado pelo Nome de Deus), Gamaliel (Deus me Faz o Bem), Ananias (Deus é Clemente), João (A Graça é de Deus), Ismael (Deus Ouve), etc. Esse entendimento é compartilhado por algumas denominações cristãs trinitarianas e alguns famosos comentaristas bíblicos como Matthew Henry e até o próprio João Calvino, pai da Igreja Congregacional, da Presbiteriana e de muitas outras reformadas, trinitarianos convictos, entendendo o termo segundo a tradução literal. Para esses, diferentemente dos judeus, muçulmanos e testemunhas de Jeová, o Arcanjo Miguel não tem natureza angélica, e sim divina, sendo o próprio Cristo que veio com esse “nome de guerra” fazendo um desafio a Satanás que, desde o princípio, sempre desejou estar acima dos anjos e ser igual ao Criador (Is. 14:12–14).

Referências nas Escrituras

Bíblia Hebraica

Na Bíblia Hebraica e, portanto, no Antigo Testamento, o profeta Daniel teve uma visão após um jejum (em Daniel 10:13-21), um anjo identifica Miguel como o protetor de Israel. O profeta se refere a Miguel como "um dos primeiros príncipes". Posteriormente, em Daniel 12:1, Daniel é informado sobre o papel de Miguel durante o "tempo de tribulação" que "nunca houve desde que existiu nação até aquele tempo" e que:

“ Nesse tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que se levanta a favor dos filhos do teu povo; ”

Assim, embora as três referências a Miguel no Livro de Daniel sejam referentes ao mesmo indivíduo que age de forma similar nos três casos, o último se coloca no "fim dos tempos", enquanto que os outros dois são na época contemporânea na Pérsia³⁴. Estas são as únicas referências ao arcanjo Miguel na Bíblia Hebraica³⁵.

As referências ao "capitão das hordas do Senhor" que estão no Livro de Josué nos primeiros dias da campanha pela Terra Prometida (veja Josué 5:13-15) foram por vezes interpretadas como sendo referentes ao arcanjo Miguel, mas não há nenhuma base teológica para esta proposição, dado que Josué claramente adorava essa figura e os anjos não eram adorados, o que indica que a figura possa se referir ao próprio Yahweh.

Novo Testamento

O Apocalipse (Apocalipse 12:7-9) descreve uma guerra no céu na qual Miguel, sendo o mais forte, derrota Satã:

“ Houve no céu uma guerra, pelejando Miguel e seus anjos contra o dragão. O dragão e seus anjos pelejaram, e não prevaleceram; nem o seu lugar se achou mais no céu. Foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás, aquele que engana todo o mundo; sim, foi precipitado na terra, e precipitados com ele os seus anjos. ”

Após o conflito, Satã foi atirado à terra juntamente com os anjos caídos de onde eles ainda tentam "desviar o caminho da humanidade".

Em outro trecho, na Epístola de Judas (Judas 1:9), Miguel é referido especificamente como sendo um "arcanjo" quando ele novamente confronta Satã:

“ Mas quando Miguel, o arcanjo, discutindo com o Diabo, altercava sobre o corpo de Moisés, não ousou fulminar-lhe sentença de blasfemo, mas disse: O Senhor te repreenda. ”

Uma referência a um "arcanjo" também aparece em I Tessalonicenses (I Tessalonicenses 4:16):

“ porque o Senhor mesmo descera do céu com grande brado, com voz de arcanjo e com trombeta de Deus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. ”

Porém, o arcanjo que marca a Segunda Vinda de Cristo não é mencionado.

Nos apócrifos

No livro de Enoque Miguel é designado como o príncipe de Israel. No livro dos Jubileus, ele é retratado como o anjo que instruiu Moisés na Torá. Nos Manuscritos do Mar Morto é retratado lutando contra Beliel.

Cristianismo

Cristianismo primitivo

Os primeiros cristãos consideravam alguns mártires - como São Jorge e São Teodoro - como patronos militares. Porém, a São Miguel, eles entregavam bem-estar dos doentes e foi como um curador que ele era venerado na Frígia (na moderna Turquia).

O mais antigo e mais famoso santuário de São Miguel no antigo Oriente Próximo era associado com suas águas medicinais. Ele era chamado de *Michaelion* e foi construído no início do século IV pelo imperador romano Constantino I em Calcedônia, no local de um templo anterior chamado *Sosthenion*.

Uma pintura do Arcanjo Miguel matando uma serpente se tornou a principal no *Michaelion* após Constantino ter derrotado Licínio nas redondezas em 324, eventualmente tornando-a o padrão da iconografia de Miguel como um santo guerreiro, assassinando um dragão. O *Michaelion* tinha uma magnífica igreja e ela se tornou o modelo para centenas de outras igrejas no cristianismo oriental, que espalhou a devoção ao arcanjo.

No século IV, a homilia de Basílio de Cesareia, *De Angelis*, colocou Miguel acima de todos os outros anjos. Ele foi chamado de "Arcanjo" por ser o príncipe dos outros anjos. No século VI, a imagem de Miguel como curador continuava em Roma, algo visível pelo costume de os doentes, após uma epidemia, dormirem uma noite no

Castel Sant'Angelo (dedicado a Miguel por ter salvo Roma), esperando a sua manifestação.

No século VI, o crescimento da devoção ao santo na Igreja Ocidental se manifestou pelas festas dedicadas a ele, como se pode ver no Sacramentário Leonino. No século VII, o Sacramentário Gelasiano incluía uma festa para "*S. Michaelis Archangeli*", assim como o Sacramentário Gregoriano. Alguns destes documentos mencionam uma hoje inexistente *Basilica Archangeli* na Via Salária, em Roma.

A angeologia de Pseudo-Dionísio, que era amplamente lida já no século VI, dava a Miguel uma alta posição na hierarquia celestial. Posteriormente, no século XIII, outros, como Boaventura, acreditavam que ele seria o príncipe dos Serafins, a primeira das nove ordens angélicas. De acordo com Tomás de Aquino, ele seria o príncipe da última e mais baixa ordem, a dos anjos.

Catolicismo

Arcanjos Ortodoxos



Conselho Angelical (Ангелский Собор). Ícone ortodoxo representando os sete arcanjos tradicionais da Ortodoxia.

Arcanjo Miguel
Arcanjo Gabriel
Arcanjo Rafael
Arcanjo Uriel
Arcanjo Jegudiel
Arcanjo Salatiel
Arcanjo Jeremiel
Arcanjo Baraquiel

Os católicos romanos e os ortodoxos geralmente se referem a Miguel como "São Miguel", um título honorífico cuja origem não foi uma canonização. Ele é geralmente nas litânias cristãs como "São Miguel Arcanjo". Os ortodoxos adicionalmente o chamam de "*Archistrategos*" (veja estrategista) ou "Comandante Supremo das Hostes Celestiais".

Nos ensinamentos católicos, São Miguel tem quatro papéis principais. O primeiro é como comandante do Exército de Deus e o líder das forças celestes em seu triunfo sobre os hostes infernais. Ele é visto como um modelo angélico para as virtudes do "guerreiro espiritual", em guerra contra o mal, por vezes também visto como sendo a "batalha interna".

O segundo e o terceiro papel de Miguel lidam com a morte. No segundo, Miguel é o anjo da morte, levando a alma de todos os falecidos para o céu. Neste papel, na hora da morte, Miguel desce e dá à alma uma chance de se redimir antes da morte, atrapalhando assim o diabo e seus asseclas. As orações católicas em geral se referem a este papel de Miguel. No terceiro papel, ele mede as almas numa balança perfeitamente equilibrada (daí o motivo de ele ser também muitas vezes representado segurando uma balança).

Em seu quarto papel, São Miguel, o patrono especial do povo escolhido no Velho Testamento, é também o guardião

da Igreja. Era comum o anjo ser reverenciado por ordens militares de cavaleiros durante a Idade Média. Este papel também se estende a ser o santo padroeiro de numerosas cidades e países.

O catolicismo romano inclui ainda tradições como a Oração de São Miguel, que pede especificamente que os fiéis sejam defendidos pelo santo. O Terço de São Miguel Arcanjo é composto por nove saudações, uma para cada ordem angélica.

Protestantismo primitivo

Alguns dos primeiros acadêmicos protestantes identificaram Miguel com a pré-encarnação de Cristo, baseando sua visão parcialmente na justaposição de "criança" e arcanjo no capítulo 12 do Apocalipse e também nos atributos dados a ele por Daniel.

Testemunhas de Jeová

As Testemunhas de Jeová acreditam que há apenas um "arcanjo" no céu e na Bíblia. Eles ensinam que o Jesus de antes da encarnação e após a ressurreição, e o Arcanjo Miguel são a mesma pessoa: *"a evidência indica que o Filho de Deus era conhecido como Miguel antes de vir à Terra e é conhecido também por este nome após o seu retorno ao céu, onde ele agora está na forma do glorificado espírito Filho de Deus."* Eles notam que o termo "arcanjo" na Bíblia só é usado no singular, jamais de forma clara no plural. Eles também afirmam que Miguel é o mesmo "Anjo do Senhor" que conduziu os israelitas no deserto. Sob este ponto de vista, o espírito que leva o nome de Miguel é chamado de "um dos principais príncipes", "o grande príncipe que tem o comando de seu [de Daniel] povo" e "o arcanjo" (Daniel 10:13, Daniel 12:1; 1 9:).

Adventistas do Sétimo Dia

Adventistas do Sétimo Dia acreditam que Miguel era um outro nome para o Verbo Divino (como em João 1:1) antes d'Ele ter se encarnado como "Jesus". Ele seria o Verbo, não criado, por conta de quem todas as coisas são criadas. O Verbo então se fez nascer encarnado como Jesus.

Eles acreditam que o nome "Miguel" é importante para mostrar a sua verdadeira identidade, assim como Emanuel (que significa "Deus conosco"). Eles acreditam que o nome significa "aquele que é Deus" e que, como "Arcanjo" ou "comandante ou líder dos anjos", ele liderava os anjos e, por isso, a afirmação em Apocalipse 12:7-9 que identifica Jesus como sendo Miguel. Além disso, "Miguel" seria um dos muitos títulos associados ao Filho de Deus, a segunda pessoa da Divindade. E este ponto de vista não estaria de modo algum em conflito com a crença em sua Divindade Plena, pré-existência eterna e, também de maneira nenhuma, seria uma diminuição de Sua pessoa ou obra.

Ainda na visão adventista, a afirmação em I Tessalonicenses 4:16 identifica claramente Jesus com Miguel⁶⁴, assim como João 5:25.

Nas Escrituras ele é mostrado fazendo coisas que também se aplicam a Cristo desde o início, ele é também Cristo pré-encarnado.

Mórmons

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acredita que Miguel é Adão, o Antigo de Dias (de Daniel 7), um príncipe e um patriarca da família humana e que Miguel ajudou Jehovah (a forma celeste de Jesus) na criação do mundo sob a direção de Deus Pai.

O anjo Miguel nos manuscritos do Mar Morto



São Miguel luta contra o dragão, por Jean Fouquet.

Desde a publicação, em 1991, da quase totalidade dos textos descobertos no deserto da Judeia, comumente conhecidos como os manuscritos do Mar Morto, que o estudo acerca da angeologia judaica sectária e extra bíblica teve um grande desenvolvimento.

Nestes textos, numa perspectiva que viria a ser recuperada pelos movimentos gnósticos do Século I, Miguel é apresentado como a figura celestial de Melquisedeque exaltado, elevado aos céus. É similarmente referido como o "príncipe da luz", conforme 11Q13, que dará combate ao "príncipe das trevas", Satã, Belial ou *Melkireshah* (o príncipe das profundezas da Terra). Este confronto dar-se-á aquando da grande batalha celeste que antecederá o fim dos tempos e a nova vinda do fundador da comunidade essênia, o "Mestre da Justiça", como Messias escatológico.

Neste contexto, e numa descrição profundamente ambivalente, em 4Q529 e 6Q23 o triunfo definitivo da paz não lhe é atribuído, conforme alguns depreendem de Judas 1:9, acima transcrito, onde Miguel recusa a função de juiz escatológico, mas apenas é o seu arqui-estratega. Miguel

recusa inclusive o título de "Senhor" e de "Salvador", ao mesmo tempo que, segundo 4Q246, aguarda que, tal como o seu modelo histórico apresentado neste texto, Antíoco Epifânio, se possa autoproclamar "um deus" e ser adorado como deus, tal como aquele em Daniel 11,36-37.

Para outros, segundo a interpretação que fazem de alguns dos manuscritos do Mar Morto, Miguel é mesmo apresentado como o grande usurpador do senhorio de Deus numa opinião que, com alguns matizes, é idêntica à de movimentos para-cristãos nascidos no Século XIX. Segundo aquela referida interpretação, Miguel louvaria o malquisto rei Sedecias, referido em 2 Reis 24:19, prometendo-lhe, inclusive, uma aliança para que este leve a bom termo os seus planos malévolos.

Em síntese, a angeologia apresentada pela interpretação destes textos não é homogénea, mas aduz um grande leque de orientações desde as menos negativas como as que consideram Miguel como Melquisedeque exaltado, mas com desejos de ser adorado, até às profundamente negativas, as que o concebem como próximo do malévolos rei Sedecias. Nos primeiros séculos da nossa era, esta literatura teve muita influência em círculos gnósticos vindos do helenismo platonizado na medida em que a sua falta de clareza e a ambiguidade esotérica, quase a roçar o paganismo (de facto, tais perspectivas jamais poderiam ser tidas como inspiradas, quer pelo judaísmo, quer pelo cristianismo), serviu plenamente os seus intuitos de estabelecerem pontes de contato com o crescente influxo cultural do cristianismo e, assim, não perderem a sua importância religiosa.

Festas, patronato e ordens

Festas

Nas Igrejas Católica, Anglicana e Luterana, a festa do Arcanjo Miguel ocorre em 29 de setembro (no calendário ocidental), quando também se comemoram os anjos Gabriel e Rafael, chamada de "Festa de São Miguel e todos os anjos".

Na Igreja Ortodoxa, a principal festa de São Miguel é em 8 de novembro (21 de novembro na maior parte das denominações ortodoxas, que ainda usam o calendário juliano), quando ele é homenageado com o resto dos "Poderes não encarnados do Céu" (os anjos) como sendo seu "comandante supremo". O "Milagre de São Miguel em Chonae" é comemorado em 6 de setembro.

Patronatos e ordens

No cristianismo medieval, Miguel, juntamente com São Jorge, se tornaram santos patronos da cavalaria medieval e é hoje considerado como o santo patrono dos oficiais de polícia e militares.

No século XV, Jean Molinet glorificou o ato de guerra do arcanjo como o "primeiro feito de cavalaria e habilidade de cavaleiro que jamais fora realizado". Assim, Miguel se tornou o patrono natural da primeira ordem de cavalaria da França, a Ordem de São Miguel, de 1469. No sistema de honras britânico, uma ordem de cavalaria fundada em 1818 também foi batizada em homenagem aos dois santos guerreiros, a Ordem de São Miguel e São Jorge. A Ordem de Miguel, o Valente é a mais alta condecoração militar na Romênia.

Além de ser o patrono de guerreiros, os doentes e os aflitos também consideram o Arcanjo Miguel como seu santo padroeiro. Baseando-se na lenda de sua aparição do século

VIII em Mont-Saint-Michel, na França, o Arcanjo também é o santo patrono dos marinheiros em seu mais famosos santuário. Após a cristianização da Alemanha, onde as montanhas eram geralmente consagradas aos deuses pagãos, os cristãos colocaram-nas sob o patronato do Arcanjo Miguel e diversas capelas ao santo foram erigidas por todo o país. Ele também é o santo padroeiro de Bruxelas desde a Idade Média. A cidade de Arkhangelsk, na Rússia, foi batizada em sua honra e a Ucrânia - e sua capital, Kiev - considera o Arcanjo como seu padroeiro.

2 - MIGUEL NA REALIDADE ESPIRITUAL

2.1 – POR QUE JESUS FOI ESCOLHIDO COMO GOVERNADOR PLANETÁRIO

Até hoje muitos Espíritos encarnados e desencarnados questionam a superioridade de Jesus, inclusive considerando-O mais um dentre os inúmeros profetas ou até mero revolucionário ou coisa pior. Todavia, para quem está realmente imbuído de boa fé e com a mente aberta pela imparcialidade, vê claramente que Sua Vida e Seus Ensinamentos, quando encarnado, superam, de muito, todos os demais seres humanos que passaram pela Terra. Somente o facciosismo ou a má fé impedem o reconhecimento desse fato.

Ao lerem o item seguinte, intitulado “O Chefe”, os prezados leitores compreenderão o porquê da Escolha, por Deus, desse Espírito Puro para Moldar e Dirigir este planeta que habitamos e como Ele o Governa.

Sua Perfeição Relativa o fez ideal para a Tarefa, sendo todos os demais missionários que por aqui passaram meros aprendizes da Sua Sabedoria e Amor.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, Médiun de Deus para os habitantes da Terra!

2.2 – O CHEFE

(extraído de “A Grande Síntese”, obra ditada por Jesus através do médium Pietro Ubaldi)

“Quem será o chefe, desse novo organismo para o qual se dirige toda a vida? Como a história o escolherá e o evidenciará? Há momentos em que a história atravessa curvas decisivas, em que se prepara a fase decisiva de uma civilização milenar. Imensas maturações sociais estão iminentes na aurora de novas civilizações. A humanidade parece, então, perder-se em crises e conflitos e todo o passado parece ruir. Então as forças da vida conclamam o gênio, para que interprete e crie; e os equilíbrios da lei o trazem à luz, valorizando-o em plena eficiência. As forças do imponderável convergem a sustentá-lo, para que ele construa e levante. Então, o homem que muito realizou, com seu trabalho íntimo, sua maturação biológica, é chamado por atração por meio da linha de sua maior especialização para dar todo o seu rendimento à obra coletiva que lhe é confiada e torna sua. A vida do chefe é suprema missão. Esses fenômenos não são mistério para nós, pois sempre nos movemos ligados à substância no imponderável.

Nesse desencadear-se de forças titânicas, é pueril buscar a razão das coisas nas velhas fórmulas de legalidade humana. A Grande Lei, que no âmago sustenta todas as coisas, amadurece tudo com perfeita harmonia para metas aleatórias. A vida dos povos possui seus equilíbrios profundos, tal como a vida inorgânica e orgânica; como estas que produzem, no momento da maturação evolutiva, a molécula ou célula adequada, também a vida dos povos produz, no momento decisivo da evolução biológica, o seu personagem, a sua célula superior, trazida à luz pela tensão de todas as forças da vida. Essas forças explodem em triunfo após secular esforço oculto, a fim de que essa célula realize, por leis de coordenação, sua função de cérebro e de vontade, de direção e de comando, porque essa é naturalmente sua capacidade, sua diferenciação e sua função biológica.

Assim é o chefe por sua grandeza mas também por seu dever, por sua satisfação como por seu esforço, por sua vitória como por seu perigo. Nesta função e neste perigo reside a justiça da suprema Lei de Deus, sua base, antes divina que humana, de uma investidura sagrada que é missão na vida; reside seu direito de comando e o dever dos povos de obedecer-lhe, unidos todos diante de Deus, operários diferenciados no mesmo trabalho.

A novíssima afirmação é que o chefe, nos momentos de exceção, é escolhido por seleção biológica; no momento decisivo, a Lei intervém diretamente, superando as convenções sociais. Manifesta-se uma lei mais verdadeira que as outras. Os povos procuram, por instinto, a célula que realize a função coletiva necessária de comando. Reconhecem-na, sentem-na, respeitam-lhe a função, não por coação nem por convenção, mas espontaneamente, por uma lei que reside em seus instintos. Quando um povo encontra seu chefe, aquele que sente e manifesta sua alma, coordena suas atividades, realiza a função biológica de defensor e unificador material e espiritual do novo organismo, então, repousará contente com seu instinto satisfeito, do mesmo modo que repousa o instinto do corpo bem alimentado, ou o da mãe que teve seu filho, porque está assegurado o futuro de sua vida. Os tumultos da vida política são, como os da fome e do amor, os profundos tumultos da vida que “deve” avançar.

Nenhum sistema de atribuições de poderes, na história, oferece garantias do que é substancial, íntimo, não formal, exterior. Um chefe assim, de raça, desta surge como produto da vida de um povo, mas só de um povo que saiba produzi-lo. As leis biológicas não fornecem chefes nos séculos de repouso, nem a povos impotentes, estéreis, que são condenados. O super-homem não se improvisa, não emerge por meio de sistemas eletivos, por meio de convenções ou coações sociais. A

raça é raça, é natureza íntima que se construiu na eternidade, é substância de alma, é capacidade única, é um destino, um amadurecimento de grandes forças biológicas. O chefe, assim, de raça, não é escolhido pelo voto, mas no choque de forças sociais; é filho não dos cálculos das urnas, mas da tempestade em que os povos se debatem para a vida; não é escolhido por consenso dos homens, mas por consenso das leis ocultas da vida. Ele impõe-se, levando de roldão o passado, como o furacão, no turbilhão da revolução. Qual foi a onda que, nascida do mistério, jogou-o para o alto, o homem não sabe; mas todos inclinam-se porque se trata de uma lei, mais profunda que as humanas, que ordena. E o chefe lá está, por direito divino; é o direito que lhe dá seu destino, sua raça, sua capacidade, selecionado no sangue da luta, que não suporta ineptos.

Lá está e aí fica. Só por valor intrínseco pode resistir numa posição que, por sua altitude, está exposta a todos os raios. Esses são reais controles do poder, as verdadeiras garantias do valor e do rendimento do homem, porque o assalto é tenaz, a cada minuto; a guerra é sem tréguas, aí não existem muletas para os fracos, não há possibilidade de mentir perante as leis da vida. Eis o direito substancial, o direito do valor, do merecimento, da função, da missão, não aquele apenas da legalidade formal. O chefe lá está porque ele é o órgão máximo de uma vida coletiva maior e lá fica, invulnerável, pelas mesmas leis biológicas, até que sua função social se esgote.

Substituo o conceito da legalidade humana pelo da justiça divina que sanciona os valores íntimos. Ponho como base dos fenômenos sociais as leis eternas da vida. No âmago do problema jurídico vejo sempre o problema biológico, sua alma. Só se as posições do segundo forem sólidas, serão sólidas também as do primeiro, sua expressão. Essa é a base substancial da legalidade. Os

movimentos das forças políticas, jurídicas, sociais, só são compreensíveis, se reduzidas à sua substância biológica. Que sistema mais substancial de escolha e de garantia pode encontrar um povo, do que esta filtragem, bem mais rigorosa, realizada pelas leis da vida? Que lei é mais profunda que a Lei biológica, onde cada fibra é testada? É absurdo pensar que o poder tenha de ser escolhido de baixo, ser determinado pelos níveis biologicamente menos evoluídos. O sistema representativo constitui um método para escolher os melhores. As massas, porém, podem aceitar e suportar o super-homem, mas não compreendê-lo por antecipação. É a evolução que coloca à frente o ser antecipado, a fim de arrastar e plasmar os outros, involuídos, que só sabem receber e obedecer. O conceito tradicional é invertido, a escolha não vem da quantidade medíocre, mas do alto, das forças da vida; o número é quantidade, que é incompetente para decidir a respeito da qualidade. Se sua missão é educar, o chefe tem que ser um senhor espiritual que desce e, do alto de sua fase superior, sabe dar; não um medíocre que sobe e pede. Confio mais nesta legalidade, mais profunda que a humana. Em meu conceito, é na capacidade que reside a base do direito. O chefe comanda pelo mesmo direito com que a águia voa. Ele é testado em cada instante por todas as resistências que lhe garantem a capacidade e a função, porque são as forças biológicas que conferem o poder, as mesmas que o tiram logo que cesse a função.

O poder que vem do alto possui um conteúdo muito diferente do que é concedido de baixo. É dever, não direito; não é conquista, mas função; é ordem, não arbítrio; é sacrifício e missão. A investidura envolve o super-homem que vê o infinito e não admite abusos; entrelaça-se indissolavelmente em seu destino, seu prêmio é eterno, além da vida. Guia-o a mão de Deus e ele, em seu comando, obedece, só buscando dar, para realizar-se a si mesmo. Cérebro de um povo, é a

superelevação que guia e ilumina a revolução biológica e impele a vida para suas fases supremas. Ele engasta seu trabalho na série das criações históricas dos milênios, porque nos milênios os homens escolhidos trabalham em cadeia. Realiza em sua fase, em perfeita correspondência com os momentos históricos precedentes e seguintes, a eterna evolução social, amadurecendo o passado e antecipando o futuro. Abebera-se em sua própria fonte; a atividade social transforma-se, acompanhando sua visão, que se fixará na evolução jurídica. Educa, cria a consciência coletiva, pois sabe que essa criação interior antecede a compreensão e a base da vida das instituições, que a seguir a exprimem. Não ciência humana, mas é a visão guiando seu braço estendido em ato de comando para o futuro. É força num turbilhão de forças, indo ao encaço de novas civilizações. Sua vontade, guiada pela intuição exata das correntes de pensamento e da vida do mundo, ativamente se introduz na lei cósmica da evolução. Criando novas instituições sociais, enquadra em formas novas os valores morais dos séculos.

No quadro de sua concepção, o chefe está organicamente colocado, como ideia e ação ao mesmo tempo. Situado no centro de seu Estado, ele é sua própria ideia, que em torno dele próprio palpita como uma auréola sua, como vida que emana da sua vida. Ele é um pensamento e uma vontade única, central, responsável, instantânea; não, como nas formas representativas, pensamento e vontade múltiplos, divididos, que lentamente se reencontram. O Estado é o organismo do qual o chefe é o cérebro e os cidadãos as inúmeras células, também elas investidas de funções menores, em harmônica coordenação de funções que convergem para o alto. Da periferia ao centro, dos membros ao cérebro, ao coração, existe uma contínua corrente solidária de permutas; uma descida do pensamento, de força, de consciência, de ajuda; uma ascensão de contribuições

vitais para se reencontrarem no centro e de lá descerem fecundas. O Estado, assim, é também centro de irradiação moral, é alma, fé, religião. Cada célula aí se sente mais forte. Pela primeira vez na historia, ao conceito de Estado absoluto ou representativo substituiu-se o de Estado biológico orgânico. Os valores morais, os produtos das civilizações do mundo realizam seu ingresso triunfal no Estado, não mais divididos em estéreis antagonismos de classes e de princípios, de ciência e de fé, de Estado e de Igreja, de rico e de pobre, mas fundidos numa unidade imposta pela nova civilização no campo do pensamento e da ação.

O novo Estado é gigantesco organismo integral, imensa oficina de colaborações, em que máquina, trabalho, produção, riqueza, ciência, religião, tudo se funde e age organicamente. Esta alta concepção, de vida coletiva, é introduzida na circulação do sangue dos povos e opera a valorização das massas.

Essa é a criação biológica confiada ao chefe pela Lei. A nova alma coletiva está por desenvolver-se e afirmar-se. Ele supervisiona os primeiros movimentos dessa sua filha ainda criança, guia-a, educando-a. Do conceito de Estado-rei ao Estado-classe social, Estado-povo; do poder absoluto ao poder representativo, ao poder-função; à medida em que a consciência coletiva ascende e se dilata, o poder desce e se descentraliza. É a ascensão do espírito que, progressivamente, purifica o princípio de sua escória. Nos equilíbrios biológicos, a medida do comando é dada pelo grau de consciência atingido. Os povos precisam mais de mestres que de liberdade; de guia antes que de mando, até que amadureçam. O chefe olha: seu povo é seu corpo, é sua aquela alma, aqueles tormentos são seus, aquelas esperanças, aquelas vitórias. Chefe e povo: unidade indissolúvel. O mundo está em marcha. A realidade biológica impõe: ou evolução ou morte.”

2.3 – MIGUEL É UM DOS SUBCHEFES NA TERRA

Espírito encarregado da aplicação da Justiça Divina na Terra, Miguel age em nome de Jesus, o qual detém a autorização de Deus, como Seu Médiun na Terra, mostrando-nos que o único requisito para alguém ter algum poder ´mais expressivo é sua completa submissão à Lei de Deus, que está escrita na consciência de cada criatura.

Ninguém precisa consultar os chamados “livros sagrados” para conhecer a Lei de Deus, pois tais obras são apenas tentativas de humanos ou seres angelicais de retratar o Infinito, o que resulta sempre em fracasso total ou parcial.

Cada criatura, a partir da fase humana, em que a inteligência assume uma dimensão maior do que a inteligência rudimentar da fase animal, acrescida do surgimento do senso moral, deve procurar aprofundar o auto conhecimento, ou seja, saber não só sobre suas vivências passadas nos Reinos humano e nos inferiores, como, a partir daí, ir conhecendo o Universo, que nada mais é que o conjunto de todas as criaturas de Deus.

O regime de hierarquia, que existe no Universo, por conta da oportunidade que Deus concede a cada criatura de atuar conforme sua capacidade de servir ao progresso de um grupo maior ou menor de outras criaturas, fez com que Miguel fosse destacado para a função da Justiça Divina neste planeta de provas e expiações que é a Terra.

Trata-se de uma verdadeira penitenciária, onde uns simplesmente expiam, ou seja, sofrem ainda sem intenção de realizarem no Bem, enquanto outros estão submetidos a provas, ou seja, pagam seus débitos através de obras no Bem.

O percentual daqueles que apenas expiam é maior do que os que estão submetidos a provas, sendo, por isso, uma humanidade onde os sofrimentos ainda são atrozes, devido ao orgulho, egoísmo e vaidade, que preponderam sobre as virtudes.

Atrás desses defeitos morais grassam os vícios, que representam uma forma de autodestruição, típica das

criaturas rebeldes, que preferem a autodestruição a se humilharem perante Deus e Lhe pedirem a oportunidade de se redimirem pelo Amor.

A transição da Terra para a categoria de mundo de regeneração ocorrerá com muitos sofrimentos, pois é a única forma de sensibilização das criaturas rebeldes, endurecidas propositadamente.

Os recalcitrantes ainda impenetráveis pelo Amor serão degredados para mundos inferiores, onde atuarão, ao mesmo tempo, como despertadores da inteligência de Espíritos que mal se iniciam na fase da humanidade, como também sentirão os resultados danosos da sua revolta contra Deus.

Muitos dos que poderiam permanecer na Terra, pelo seu merecimento, acompanharão os degredados, a fim de auxiliá-los na regeneração por Amor à Causa do Bem, mas esses serão missionários de Deus nesses mundos sacrificados pela impenitência.

Afinal, o Amor deve se manifestar em todos os recantos do Universo, servindo como a estrela que mostra o caminho a ser seguido.

Tenhamos Miguel em nossos corações, pois ele representa a Justiça Divina na Terra, mas nunca a Justiça fria dos homens, que veneram o castigo aos seus semelhantes, mas a Justiça de Deus, que visa, acima de tudo, a evolução, cobrando apenas menos de um por cento das dívidas de cada criatura.

Esse Espírito, ao lado de Maria de Nazaré, além de outros tantos, como Sathya Sai Baba, Chico Xavier, Teresa de Ávila, Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, assessora Jesus no Governo do planeta.

Louvado seja o Guardião da Justiça com Amor!

